



5618 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
 GT06 - Educação Popular

ANA, ZÉ E EU: REFLETINDO SOBRE O "NÓS" E OS "NÓS" DA EDUCAÇÃO A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS EM ESCOLA NO CAMPO

Carlos César de Oliveira - UERJ/FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
 Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

ANA, ZÉ E EU: REFLETINDO SOBRE O "NÓS" E OS "NÓS" DA EDUCAÇÃO A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS EM ESCOLA NO CAMPO.

O presente estudo tem como objetivo refletir acerca da educação, tomando como base experiências com alfabetização em duas escolas situadas no campo. Ele parte de uma discussão sobre a cartilha intitulada "Cartilha da Ana e do Zé", adotada na década de 1980, pela rede pública de ensino do Estado do Ceará. Através dele procuro responder a duas questões: teria o pensamento o pensamento freireano influenciado no meu processo de alfabetização, através da cartilha? Como a pedagogia libertadora foi inserida na minha educação, já na infância? São questões que, no contexto atual, enquanto mestrandando em Educação passaram a me inquietar. E, como não encontrei respostas na revisão de literatura, optei por estudá-las. Com esse propósito, procurarei identificar as marcas freireanas nela existentes e, compreendendo a pesquisa como um movimento em/de formação, anseio (re)pensar a minha prática docente a serviço de uma educação libertadora.

Palavras-chave: educação, Cartilha da Ana e do Zé, Paulo Freire, palavras-geradoras.

Introdução.

Ao revisitar a minha infância e o início da minha experiência formativa me senti instigado a problematizar uma prática que - tanto na alfabetização como na docência - se deu com o auxílio da "Cartilha da Ana e do Zé"^[1].

Este estudo é, portanto, um convite a pensar sobre a educação no campo, tendo como cenário o município de Cariús, situado no interior do Ceará. Foi lá que comeci a escrever a minha história enquanto educador e a me identificar com uma proposta de educação libertadora - uma "ação cultural para a liberdade" (FREIRE, 1981). Remeto-me aos idos de 1980, em que devido à distância da cidade as crianças pareciam estar predestinadas a viver na roça, visto que a escola não ofertava além da, então, quarta série primária, hoje, quinto ano do Ensino Fundamental.

Como pode a educação ser algo tão dispendioso para crianças da roça, onde para estudar é preciso desprender-se do seu lar e da sua família? Por que tantos "nós" que parecem amarrar, dificultar, para que as crianças do campo não tivessem acesso à escolarização? Pensando nisso, me proponho a analisar a cartilha, pensando-a como um instrumento de trabalho que contribuiu para a minha formação.

Ao tratar a "Cartilha da Ana e do Zé" que, também, foi minha como objeto de pesquisa, me proponho a discutir sobre como ela foi pensada e sistematizada e destacar as marcas da pedagogia libertadora presentes ao longo da mesma, a começa pelo título: cartilha "da" e não "para" a coletividade de estudantes representadas por nomes que na época eram tão comuns no sertão nordestino.

Parece importante esclarecer que ao problematizar a cartilha, sobretudo as "palavras-geradoras" (FREIRE, 2018) me peguei a pensar sobre o "nós", no sentido de coletividade. Assim, chego ao sentido polissêmico do "nós", ora como ação coletiva, movidos por uma experiência cultural e social, ora como amarras sociais, econômicas, estruturais, que dificultavam o processo de escolarização das/os estudantes do campo. O primeiro (eu, tu e eles) remete à união, ao espírito de luta e solidariedade necessário para enfrentar o outro (nó) que implica, muitas vezes, em opressão e exclusão.

Em suma, o presente estudo remete ao encontro entre as experiências docente e discente e defende que, no âmbito da formação, tais experiências não se dissociam. Afinal, o "menino é pai do homem", como um dia alertou Machado de Assis.

Dialogando sobre uma experiência de alfabetização no campo.

Ao revisitar o lugar^[2] em que fui alfabetizado, no campo, onde muitos começaram e poucos conseguiram dar continuidade a escolarização faço um convite para pensar o "nós" e os "nós" da educação no campo, tomando como base a minha experiência com a referida cartilha, inicialmente como educando e, tempos depois, como educador^[3].

Durante muito tempo, me inquietava a forma como a cartilha fora sistematizada, com imagens que remetem ao universo simbólico do sertanejo, com palavras, divisão silábica e questionamentos que contribuíam para fazer a/o estudante do campo refletir sobre a sua realidade, sobre as relações que tecia, a partir de temas tão presentes no seu cotidiano.

Tanto como estudante como quanto educador, com pouca idade, diga-se de passagem, eu não compreendia a forma como a cartilha fora sistematizada, apesar de considerar o título, a organização dos temas e as imagens como facilitadores do processo de ensino-aprendizagem.

Por esse motivo trouxe para este estudo a dimensão do "nós", referindo-me à importância da coletividade ao longo da formação, tendo em vista as múltiplas experiências culturais que irão atravessar o meu processo educacional, a começar pela alfabetização.

Mas, como sinalizou Wertheim^[4] (2018) a educação é concebida como um processo permanente, através do qual estamos nos educando continuamente. Ao longo da nossa formação por graus ou etapas relativas de educação e, através

delas, vamos nos constituindo sujeitos, pensando e repensando a nossa prática.

Partindo desse pressuposto, ao ingressar no programa^[5] de mestrado em Educação, Processos Formativos e Desigualdades Sociais, após cursar disciplinas e que discutem sobre a formação de professores e educação popular me senti inquietado revisitar as experiências formativas – educando/educador – tendo como instrumento uma cartilha “da” e não “para” a Ana e o Zé, conforme já sinalizei.

Neste momento, envolvido pelas leituras de estudiosos da educação popular, sobretudo de Paulo Freire, lanço o meu olhar inquietador sobre a cartilha a fim de aprofundar sobre as marcas do pensamento freireano na sua elaboração. Tomo, portanto, como referência a obra Educação e Mudança, tendo em vista que a educação contribuiu para mudar a minha vida, bem como para refletir e (re)pensar da minha prática docente, compreendendo que “não pode haver reflexão e ação fora da relação homem-realidade” (FREIRE, 2018, p.20).

Assim, partindo da premissa de que o professor é um investigador de sua prática, ao refletir sobre ela, me parece importante fazer uma breve introdução sobre a alfabetização para, em seguida, aprofundar a discussão sobre a cartilha.

De acordo com o decreto que institui a Política Nacional de Alfabetização (9.765/2019) a alfabetização é considerada como “ensino das habilidades de leitura e escrita em um sistema alfabético, a fim de que o alfabetizando se torne capaz de ler e escrever palavras e com autonomia e compreensão” (Art. 2º).

No entendimento de Freire,

a alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler. Com efeito, ela é o domínio dessas técnicas em termos conscientes. É entender o que se lê e escrever o que se entende. É comunicar-se graficamente. É uma incorporação. Implica não uma memorização das sentenças, das palavras, das sílabas desvinculadas de um universo existencial, mas uma atitude de criação e recriação (FREIRE, 2018, p.98-99).

O autor parece nos chamar a atenção para o que Candau (2009) conceituou de “múltiplas dimensões do ensino”, ao atentar para a importância dos aspectos técnico, humano e cultural no processo de ensino-aprendizagem. Pensando assim, destaco que o processo de alfabetização não se dá de forma isolada, afinal a/o estudante faz parte de um “universo existencial”, resultante das relações que se dão no âmbito social.

Acrescento que apesar de não haver uma clareza quanto a proposta pedagógica suscitada pela cartilha, a organização dos conteúdos (temas) e a linguagem utilizada resultavam em uma ação multidimensional, até mesmo em função da sala de aula multidisciplinar.

Importa dizer que quando da minha alfabetização era somente uma sala de aula, atendendo a estudantes da alfabetização à quarta-série. A princípio funcionava numa sala de taipa^[6], vindo depois a ser transferida para uma escola^[7], prédio com única sala, construída pela prefeitura. Anos depois foi construído outro prédio, também com sala única, espaço onde iniciei a minha atividade como professor.

Refletindo sobre a alfabetização a partir desse contexto, me aproprio das palavras de Freire (2018, p.99) para destacar que se trata de um processo que não pode ser feito “de cima pra baixo, nem de fora pra dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro pra fora”, mas, pelo próprio educando, mediado pelo educador.

Tal relação me faz pensar no papel da relação educador/educando. Como a educação escolar tinha como atores as crianças e jovens da comunidade, a relação tinha como base um diálogo efetivo que considerava as questões do cotidiano, valorizando, assim, a cultura local.

Pensando sobre a questão, Werthein (2018) afirma que “a base fundamental do trabalho educativo e de conscientização é o estabelecimento de uma relação íntima, dialética, com o contexto da sociedade onde se desenvolver este processo”. O autor conclui que “um trabalho educativo superposto à sociedade ou dela alienado, torna-se inoperante”.

Foi pensando nessa relação íntima decorrente da experiência escolar, inserida num contexto social do campo, que me proponho a refletir sobre práticas educativas experienciadas ao longo da minha formação escolar. Reconheço que ao analisar a prática eu começo a compreender melhor a processualidade da produção de conhecimento, ao fazer interseções com a teoria. Nisto, vou rompendo o paradigma teoria/prática construído outrora, passando a compreender essa relação como um movimento dialético que resulta em um novo quefazer pedagógico.

Entre Ana, Zé e eu: uma cartilha e um encontro com Paulo Freire.

Embora a utilização das cartilhas cause olhares atravessados, sobretudo no âmbito da academia, me proponho a discutir aqui sobre aquela com a qual iniciei o meu processo de escolarização. Numa época, em que ainda era muito comum utilizar a “Carta de ABC” no início da vida escolar, a Secretaria de Educação do Estado do Ceará, por meio de uma equipe de professores elabora a Cartilha da Ana e do Zé.

Logo na abertura da cartilha, numa carta destinada às professoras e aos professores a professora Luiza de Teodoro Viera^[8] afirma: “o que desenvolvemos nesta cartilha é, apenas, a estrada. Os passos são de vocês”. E ainda acrescenta “todo livro é só uma semente. A terra e a chuva são vocês que vão fazer nascer e crescer a planta do conhecimento e do amor de todos por todos” (p.10).

Enquanto as cartilhas, seguindo os moldes das “Cartas de ABC” se pautavam na normatividade, no tecnicismo, no apresentar o modo como fazer, a Cartilha da Ana e do Zé apresenta caminhos e possibilidades para a autonomia do/a professor/a, o que pode ser expresso nas palavras “os passos são de vocês”.

Além disso, o fazer pedagógico – a semente, a terra, a chuva – é pensado como um espaço de amorosidade o que, já no início da cartilha remete às palavras de Freire, quando este afirma que “não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há, amor que a infunda” (1987, p.45).

A reflexão sobre o amor suscitada no início da cartilha, isto é, da educação como um ato de amor me incita a pensar na dimensão do encontro. Um encontro, como sugeri na proposta deste estudo entre a Ana o Zé e eu, ou numa outra dimensão no encontro com o mundo letrado que, graficamente, vai do A ao Z, possibilitando inúmeros encontros e possibilidades de diálogo.

Recorrendo a Freire (1987, p.45) “não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos seres humanos” e “se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo as pessoas, não me é possível diálogo”. Assim, o diálogo aqui proposto está centrado nas relações discente/docente/família/comunidade, compreendendo a escola como

um espaço de diálogos em que outrora fui alfabetizado e que agora me instiga a refletir sobre a experiência alfabetizadora que se deu a partir do encontro com a Ana e o Zé, isto é, com a cartilha.

Destaco, ainda, que foi pensando na experiência alfabetizadora – ao compreender que teoria e prática são indissociáveis – que encontrei Freire na minha infância, através da cartilha. E, nesse diálogo com o autor ressalto que “não acreditamos nas cartilhas que pretendem fazer uma montagem de sinalização gráfica como uma doação e que reduzem o analfabeto mais à condição de objeto de alfabetização do que de sujeito da mesma (2018, p.99).

No que se refere à estrutura da cartilha, a imagem ilustrativa presente na capa fazem referência a duas crianças do campo, ou seja, a Ana e o Zé. Ela personifica a realidade de inúmeras crianças, filhos e filhas de trabalhadores rurais, que ajudam os pais na lavoura e nas atividades do lar. Imagem que se assemelha à utilizada na capa do livro “A educação para além do capital” (2008), de István Mészáros.

Em função dessa semelhança, me parece importante abrir um breve parêntese para destacar que assim como Freire, Mészáros compreende que “educar não é mera transferência de conhecimento, mas sim conscientização e testemunho de vida. É construir, libertar o ser humanos das cadeias do determinismo neoliberal, reconhecendo que a história é um campo aberto de possibilidades” (JINKINGS, 2008, p.13).



Imagem 1: Ilustração da capa da cartilha.

A mensagem expressa pela capa é um convite a reflexão sobre a realidade do campo, onde o processo de escolarização era colocado em segundo plano, porque as questões de sobrevivência vêm em primeiro lugar. Por meio dela, pode-se pensar que as crianças da roça desde cedo são desafiadas a conciliar as atividades escolares com a ajuda aos pais, reconhecendo na família um papel de extrema importância para a formação.

A realidade da educação escolar no campo, já na década de 1980 sinalizava a necessidade de “romper com a lógica do capital” para poder criar “uma alternativa educacional significativamente diferente” (2008, p.27), capaz de contemplar outras dimensões, para além da leitura e da escrita meramente técnicas. Ao que parece, a presença de uma escola que só ensina a ler e escrever, com um ensino descontextualizado da realidade sociocultural em alguns momentos, sobretudo na época da colheita, não fazia sentido, resultando em altos índices de abandono da escola.

É importante frisar que esta realidade acontecia não porque as famílias dessem pouca importância à escola, mas em função da sua necessidade de sobrevivência ou mesmo por saber que ao chegar à quarta série do, então, primeiro grau, não teriam condições de continuar estudando, dadas as questões geográficas e econômicas.

Continuar estudando implicaria em desatar muitos nós, em enfrentar inúmeras amarras (social, econômica e estrutural) por vezes, até cultural, principalmente quando, para estudar, precisava deixar a família. Sim, pois restavam duas alternativas: deixar o campo, para viver na casa de parentes ou amigos, ou esperar alcançar uma determinada idade para fazer supletivo, termo que com a LDBEN 9.394/96 passa a ser chamado de Educação de Jovens e Adultos.

Olhando para a realidade da época, num contingente de 30 estudantes raramente algum seguia além da quarta série. Mas, com apoio da família e por meio do supletivo, usei desatar os nós, as amarras que limitavam e determinavam as escolhas da/o jovem que habitante do campo.

Apesar das dificuldades expostas, a escola no campo cultivava valores muito significativos como a coletividade, a solidariedade, o respeito aos saberes da comunidade e a valorização da cultura local. As relações sociais são pautadas em experiências muito próximas, com as quais as/os educandas/os se identificam. Valores estes que a Cartilha da Ana e do Zé, por meio de uma linguagem simples e de palavras do universo vocabular da língua falada, irá trabalhar ao longo do processo de alfabetização.

Destaque-se que “a linguagem que usamos para falar disto ou daquilo e a forma como testemunhamos se acham, porém, atravessadas pelas condições sociais, culturais e históricas do contexto onde falamos e testemunhamos” (FREIRE, 1997, p.93). Se apropriar dessa realidade no processo de formação dá um maior sentido ao processo de ensino e, por conseguinte, à aprendizagem das/os educandas/os.

Acerca da linguagem e do “respeito à identidade cultural dos educandos” (FREIRE, 1997, p.51) apresento e transcrevo a seguir uma mensagem escrita pela professora Luiza de Teodoro Vieira. Com uma certa poeticidade, além de justificar o objetivo da elaboração da cartilha, amorosamente ela se dirige às professoras e aos professores, demonstrando a importância do processo coletivo, da dedicação e do esforço de todas/os no processo de elaboração da cartilha.

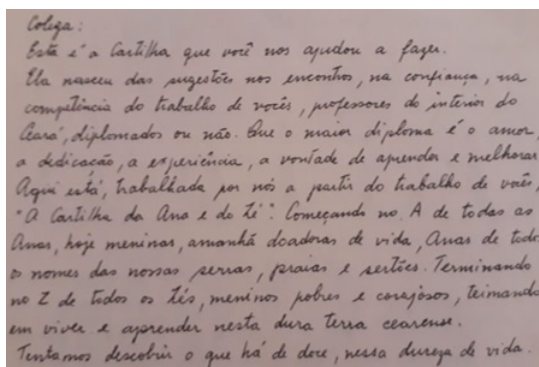


Imagem 2. Trecho escrito pela professora Luiza Teodoro, no início da cartilha.

Na condição de membro da equipe de elaboração da cartilha, ela diz:

Collega. Esta é cartilha que você nos ajudou a fazer. Ela nasceu das sugestões nos encontros, na confiança, na competência do trabalho de vocês, professores do interior do Ceará, diplomados ou não. Mas o maior diploma é o amor, a dedicação, a experiência, a vontade de aprender e melhorar. Aqui está, trabalhada por nós a partir do trabalho de vocês, "A Cartilha da Ana e do Zé". Começando no A de todas as Anas, hoje meninas, amanhã doadoras de vida, Anas de todos os nomes das nossas serras, praias e sertões. Terminando no Z de todos os Zés, meninos pobres e corajosos, teimando em viver e aprender nesta dura terra cearense. Tentamos descobrir o que há de doce, nessa dureza de vida. (TEODORO VIEIRA, s.d., p.9)

As suas palavras, além de reconhecer o valor do trabalho coletivo, expõe em linhas gerais a sua idealização a partir de experiências concretas. Em seguida, ela apresenta a cartilha e justifica o porquê do seu título. Em um outro trecho da carta ela diz: "tentamos mostrar o que há de belo, debaixo desse áspero céu. Tentamos captar o que há de forte nesse Ceará feito pelas mãos corajosas do povo, pelo coração corajoso de vocês que acreditam na educação" (p.10).

Sua carta, trata-se de um convite e, ao mesmo tempo, uma reflexão acerca de "um pensamento pedagógico que leva o educador e todo profissional a se engajar social e politicamente, a perceber as possibilidades da ação social e cultural na luta pela transformação das estruturas opressivas da sociedade classista", conforme acentuou Gadotti (2018, p.9).

A cartilha tem como ponto de partida (p.11) o contato da Ana e do Zé com a **Ave**, a **Égua**, a **Igreja**, o **Ovo** e o **Urubu**, algo que nos aproxima do que Freire (1997, p.53) vai chamar de "alfabetização como elemento de formação da cidadania", pois associando os elementos gráficos (vogais) aos elementos simbólicos, as crianças os identificavam a partir da sua realidade.

Em seguida, por meio do somatório das vogais, novas palavras iam sendo formadas - "au, eu, ei, ai, oi, ui" (p.12) - e configuradas por imagens do cotidiano das/os educandos: um cachorro (au); o Zé se apresentando (eu); a Ana chamando (ei); a expressão de dor do Zé ao tropeçar numa pedra (ai); a Ana falando com o Zé (oi) e o Zé correndo com medo do carneiro (ui).

Num contexto da formação de palavras, inicialmente a cartilha traz como tema palavras que remetem aos membros da família: pai, mãe, irmãos (p.13), avô, avó e amigos (p.15). Por meio das palavras, os sinais gráficos (til, acentos agudos e circunflexo) são expostos, ao mesmo tempo em que convida a pensar sobre a família.

Daí em diante, a cartilha é estruturada a partir de dezoito palavras (vida, cavalo, boneca, pato, gato, mato, sapo, caju, família, escola, roçado, mar, trabalho, chuva, comunidade, xodó, passarinho, reza) e encerra-se com os alfabetos maiúsculo, minúsculo e os principais numerais cardinais.

Como já informei, na época eu não conhecia Paulo Freire e, tampouco, a sua experiência em educação utilizando "palavras-geradoras" ou "temas-geradores". Apesar de não o conhecer, achava a sistemática de trabalho muito familiar, sobretudo nas expressões "família", "escola" e "comunidade" que, de certo modo, não ficaram restritas à alfabetização, mas atravessaram e atravessam a minha história de vida.

Uma reflexão sobre o uso da palavras-geradoras no quefazer pedagógico das escolas.

Hoje, ao estudar a Cartilha da Ana e do Zé com mais propriedade, compreendo o quanto é importante teorizar a prática e desconstruir a dicotomia alimentada pelo senso comum de que a "teoria é uma e a prática é outra". Pois, foi ao fundamentar-me nos pressupostos teóricos da educação popular que decidi problematizar o processo de alfabetização, tomando a cartilha como objeto de estudo.

E, na medida em que ia me aprofundando sobre a mesma, passava a compreender que as palavras que dão vida à Cartilha da Ana e do Zé, ou seja, sobre as quais ela foi estruturada, são o que Freire (2018) chamou de "palavras geradoras".

Para o autor, "não pensávamos na necessidade de cinquenta, oitenta ou mais palavras geradoras. Isto seria, como efetivamente é, uma perda de tempo. Quinze ou dezoito nos pareciam suficientes para o processo de alfabetização pela conscientização" (FREIRE, 2018, p.100). Seguindo o seu pensamento, a Cartilha da Ana e do Zé foi pensada e sistematizada a partir de dezoito palavras.

Mas afinal, o que é uma "palavra geradora", me perguntava antes de tecer esse diálogo com o pensamento freireano. Eis que por meio das leituras inquietadoras, Freire me responde que "são aquelas que, decompostas em seus elementos silábicos, proporcionavam pela combinação desses elementos o nascimento de novas palavras" (2018, p.99). Concluindo, o autor afirma que "são fundamentos para a aprendizagem de uma língua silábica como a nossa". (2018, p.99-100).

E como se dá a escolha das palavras geradoras? A definição ou escolha das palavras devem partir de um "levantamento do universo vocabular" (FREIRE, 2018, p.100) que remete à realidade das/os educandos. No caso da cartilha, logo na sua introdução fica explícito que partiu de um trabalho coletivo, realizado por professores e professoras e que o levantamento vocabular tem como referência o campo.

Para o processo de escolhas das palavras, Freire assevera que

uma pesquisa inicial feita nas áreas que vão ser trabalhadas nos oferece as palavras geradoras, que nunca devem sair de nossa biblioteca. Elas são construídas pelos vocábulos mais carregados de certa emoção, pelas palavras típicas do povo. Trata-se de vocábulos ligados à sua experiência existencial, da qual a experiência profissional faz parte. (FREIRE, 2018, p.100)

Atentando para o pensamento do autor, ressalto que a Cartilha da Ana e do Zé expressa através dos vocábulos utilizados as palavras típicas do povo, carregadas de significados a partir do universo cultural, com destaque, por exemplo, para “chuva”, “roça”, “boneca” e “cavalo”. Freire (2018) assinalou, ainda, que ao nos aproximarmos da natureza do ser estamos nos aproximando da sua essência, o que favorece a constituição de uma relação ética, através da qual brota o processo de ensino-aprendizagem.

Vale lembrar que “a seleção de palavras geradoras é feita atentando para a riqueza fonética e o aspecto pragmático da palavra, que implica um entrosamento da palavra numa determinada realidade, social, cultural e política” (FREIRE, 2018, p.102).

Já que se trata de um recurso pensado para a educação escolar, busco através da palavra “escola” (p.65-65) destacar como as palavras são sistematizadas ao longo da cartilha. Explorando o aspecto semântico, a proposta de trabalho tem como ponto de partida uma imagem sobre o espaço escolar, algo que acontece ao longo de toda a cartilha, fazendo referência a cada palavra geradora.

Posteriormente,

surge a palavra separada em sílabas, geralmente chamadas de *pedaços* [9]. Reconhecidos os *pedaços* na etapa de análise, passa-se à visualização de *famílias fonéticas* que compõem a palavra geradora. Essas famílias, que são estudadas isoladamente, passam depois a ser representadas em conjunto (FREIRE, 2018, p.105)

Paulo Freire justifica que a expressão “pedaços” passou a ser utilizada devido as/os estudantes reconhecer as sílabas como pedaços de palavras. No caso da palavra escola, a cartilha propõe a partir das três sílabas, ou seja, das famílias fonéticas a criação de dez novos pedaços. Todos dentro da mesma família fonética, processo que resultava a seguir na formação de palavras a partir da justaposição das sílabas.

Nessa mesma perspectiva, Freire nos apresenta como exemplo o uso da palavra “tijolo”. Ele diz:

tomemos por exemplo a palavra *tijolo* [10] como a palavra geradora colocada numa *situação* de trabalho de construção. Discutida a situação em seus possíveis aspectos, faz-se a vinculação semântica entre a palavra e o objeto que designa. Visualizada a palavra dentro da situação, apresenta-a na sua forma gráfica. (FREIRE, 2018, p.106)

Diante disso, o seu pensamento passa a ser identificado ao longo da cartilha, a cada situação em que a Ana e o Zé são inseridos. No caso da palavra “comunidade”, por exemplo, a cartilha traz dezoito “pedaços” criados a partir da palavra geradora. Através dos mesmos, são formadas várias palavras, entre elas a “união”, semanticamente associada ao sentido de existir da comunidade.

Sobre esse assunto, Freire acrescenta que

visualizados os “pedaços” – e sem depender de uma ortodoxia analítico-sintática –, começa-se o reconhecimento das famílias fonéticas. A partir da primeira sílaba ajuda-se o grupo a conhecer toda a família fonética resultante da combinação da consoante inicial com as demais vogais (FREIRE, 2018, p.106)

Assim, de forma gradativa novas palavras são geradas, num processo de descoberta para as/os educandas/os. Por meio dele, começa-se a se problematizar desde à formação das palavras (plano fonético), até os significados (plano semântico) que elas assumem na vida das/os educandos. Desse modo, os pedaços gerados a partir da palavra escola resultaram em “cesta, festa, pesca, cuscuz, estudo” (p.66) e de comunidade, em “comida, casa, milho, bodega, nome, nata, união” (p.94), numa espécie de síntese.

Freire (2018, p.105) afirma que “ao fazer a síntese, o educando descobre o mecanismo da formação vocabular de uma língua silábica como a nossa, que se estrutura por combinações fonéticas” e descobre que é possível construir novas palavras e, significativamente, ampliar a sua escrita. O autor compreende que o fazer pedagógico se dá a partir de um processo de “criação e recriação” e que o educador assume um papel de mediador, cuja ação “consiste em fundamentalmente dialogar sobre situações concretas” (FREIRE, 2018, p.99).

Após trabalhar o aspecto semântico e sintático, a ação pedagógica proposta pela cartilha volta-se para o aspecto estrutural e refletivo. As palavras são organizadas em frases e as/os estudantes são convidados a refletir sobre a palavra geradora e sua inserção no meio social. Assim se constitui o terceiro momento, de construção do conhecimento e problematização da realidade, conforme destaco a seguir.

O Zé e a Ana vão para a escola.

O Zé é aluno. O Zé estuda.

A Ana é aluna e estuda.

Os amigos estudam?

Os meninos amam a escola?

Você cuida da sua escola?

Os meninos cuidam da escola?

Como se cuida da escola?

O estudo é bom?

Como se faz o estudo ficar bom?

(SEDUC-CE, A Cartilha da Ana e do Zé, p. 67-68)

Tomando como base a palavra geradora “escola”, pode-se notar que a cartilha reforça a importância da escola enquanto um espaço de estudo. Ao mesmo tempo, ao questionar se os amigos estudam, estimula à capacidade reflexiva

das crianças ao pensar nos amigos que não frequentam a escola. Que motivos levariam a isso? Indo mais além, atenta para os cuidados com a escola e concluí, de forma simples, com uma espécie de diagnóstico ao suscitar respostas sobre como fazer para o estudo ficar bom.

Em outro momento, a cartilha se apropria da palavra comunidade para suscitar um diálogo, como sinalizei anteriormente. De acordo com ela:

Comunidade é o povo unido.
 O povo se ajuda.
 O povo unido se ama.
 O povo unido é forte.
 A união faz a comunidade.
 O Zé diz: Viva a comunidade.
 A Ana ajuda a comunidade
 A comunidade ajuda a vida?
 Como a comunidade ajuda o povo?
 O povo é unido?
 Como a gente faz a união?
 Menino ajuda a comunidade?
 A escola é comunidade?
 Povo unido é bom?
 (SEDUC-CE, A Cartilha da Ana e do Zé, p. 95-96)

Ao trabalhar a “comunidade”, a cartilha parece trazer para a escola os aspectos socioculturais que envolvem o universo infantil, ao suscitar uma reflexão sobre valores como a união, a solidariedade, o cooperativismo, ambos muito presentes na vida do campo, sobretudo na época da colheita: adjuntos[11], desbulhas de feijão, farinhadas[12], entre outras.

Por fim, ela traz questionamentos sobre o valor da comunidade e como as crianças podem ajudar na mesma, numa tentativa de reforçar a importância da união. E, numa compreensão da coletividade, instiga a/o estudante a pensar na escola enquanto comunidade, bem como no papel que ele exerce dentro da comunidade escolar.

Diante do exposto, pode-se inferir que a cartilha está fundamentada em “um método ativo, dialógico, crítico e criticista a partir da modificação do conteúdo programático e das técnicas. Um método ativo, dialógico e participante (FREIRE, 2018, p.93). Assim, “apropriando-se criticamente e não mecanicamente deste mecanismo” a/o estudante “inicia a formação rápida do seu próprio sistema de sinais gráficos” (FREIRE, 2018, p.105), reconhecendo-o dentro do contexto no qual está inserido.

Considerações Finais

Freire, certa vez, disse que “o nosso futuro baseia-se no passado e corporifica-se no presente”. E conclui que “temos de saber o que fomos e o que somos, para saber o que queremos” (2018, p.42). Diante dessa afirmação, me parece desnecessário fazer considerações acerca da Cartilha da Ana e do Zé, visto que ela foi apresentada e problematizada no decorrer do texto. Porém, quero ressaltar a beleza do encontro, de poder revisitar a minha formação tecendo um diálogo com Paulo Freire.

Este estudo me incita a pensar no encontro como um processo em/de formação, através do qual refletimos sobre a nossa ação antes, durante e depois do fazer pedagógico, construindo dialeticamente uma relação teórico-prática. Pensando nisso, acredito que valores como a solidariedade, o respeito, a amorosidade, se tornam possíveis a partir de uma educação libertadora. Onde a escola seja compreendida como um espaço diverso e de cooperação entre os seus atores, numa constante tentativa de chegar a uma dimensão que eleve o ser humano à condição de sujeito.

Acredito, portanto, ter alcançado o objetivo desse estudo, ao analisar as experiências com alfabetização e ao refletir sobre o pensamento freireano, tomando como base a minha experiência. Uma experiência agora sistematizada, que faz alusão a sujeito coletivo, visto que propõe reflexões sobre processos de escolarização em escolas no campo.

Por fim, reforço que escola e comunidade são dois termos que atravessam a minha história vida, visto que são espaços que contribuíram e contribuem para a formação. Assim, o trabalho que aqui concluo é um convite a pensar no “nós”, comunidade-escola, como possibilidade para desamarar os “nós” em busca de alternativas para os problemas que afetam a educação brasileira.

Referências Bibliográficas

- ASSIS, Machado. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Fortaleza, CE: Diário do Nordeste, 2001.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. **Decreto Nº 9.765**, de 11 de abril de 2019. Institui a política nacional de alfabetização. Brasília, 2019.
- CANDAU, Vera Maria. Da didática fundamental ao fundamental da didática. In: ANDRÉ, Marli. E. D. A.; OLIVEIRA, Maria Rita Neto S. (Orgs.). **Alternativas no ensino de didática**. 10 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2009, p. 71-95.
- FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade**. 5 ed. São Paulo: Paz & Terra, 1981.

_____. **Educação e Mudança**. 38ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2018.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1987.

_____. **Professora sim, tia não**. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GADOTTI, Moacir. Prefácio: Educação e ordem classista. In: FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 38ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2018, p. 7-15.

JINKINGS, Ivana. Apresentação. In: MÉSZÁROS, István. **A Educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008, p. 9-14.

MÉSZÁROS, István. **A Educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

SEDUC-CE. **A Cartilha da Ana e do Zé**. Edição Imprensa Oficial do Ceará - IOCE. Tiragem: 200.000 exemplares.

[1] “A Cartilha da Ana e do Zé” não traz o ano exato de sua publicação, mas considerando que ela foi elaborada durante a gestão de Virgílio Távora como governador do Ceará (1979-1982) e de Antonio de Albuquerque de Souza Filho (1979-1981), a sua elaboração foi entre os anos de 1979 e 1981, não podendo precisar a data.

[2] Serra da Brígida, município de Cariús – CE.

[3] Nos anos de 1994 e 1995, após ter cursado a quinta-série, com 13 anos de idade eu assumi a minha primeira experiência docente na Escola Pedro Alexandre de Moraes, situada na localidade de Serra da Brígida, Cariús-CE.

[4] WERTHEIN, Jorge. Afirmação que se encontra na orelha do livro Educação e Mudança, 38ª ed., 2018, indicado nas referências bibliográficas.

[5] Programa de Pós-Graduação em Educação, Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PPGedu/FFP/UERJ.

[6] Termo conhecida, também, como pau-a-pique.

[7] Enquanto funcionava na sala de taipa se chamava Escola São Francisco, após a inauguração do prédio pela prefeitura passou a se chamar Escola Alexandre Neco de Moraes.

[8] Luiza de Teodoro Vieira, professora da Universidade Federal do Ceará – UFC, foi uma das responsáveis pelo projeto que resultou na Cartilha da Ana e do Zé.

[9] Grifos do autor.

[10] Grifos do autor.

[11] Espécie de mutirões organizados na época da colheita do arroz.

[12] Termo utilizado para o processamento da mandioca nas chamadas casas de farinha, onde se produz farinha e goma, também conhecida, como fécula de mandioca.